

REVISTA

LAMPEJO 

É POSSÍVEL AMAR UM HEGELIANO? DIÁLOGOS SOBRE EROS, GÊNERO E ALTERIDADE

Charles Feitosa¹

Para o amigo Daniel Lins, respeito e admiração!

Intro - O dia dos namorados é geralmente um dia de festa, um dia de celebração do amor, não de se refletir sobre o amor². Parece até que aquele famoso lugar-comum, cantado por tantos outros, mas também por Lulu Santos, tem algum ar de verdade: “são duas casas totalmente separadas/ as do desejo e da razão” [*Fogo de Palha*, 1999]. Tudo se passa como se muita racionalidade inviabilizasse os sentimentos, como se reinasse uma completa incompatibilidade entre pensar e amar. Minha proposta aqui hoje é, ao contrário, celebrar o amor através do pensamento, pois como disse certa

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Freiburg i.B./Alemanha, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da UNIRIO, coordenador do POP-LAB (Laboratório de Estudos em Filosofia Pop.

² O presente texto é uma versão revista, expandida e bastante modificada de uma participação originariamente realizada em mesa-redonda intitulada “Diálogos sobre o Amor”, realizada no dia 12.06.2000, no Auditório Paulo Freire/CCH, da UNIRIO.

vez Emanuel Lévinas (1906-1995) em uma entrevista: « *Le problème de L'Éros est philosophique et concerne l'alterité* » [o problema de eros é filosófico e concerne à alteridade]³. Pensar o amor implica em refletir sobre a nossa relação com o outro, ou melhor, com a alteridade em geral. Ainda mais radicalmente, sobre a alteridade que está presente também em nós mesmos.

O que é o amor? - Se estivéssemos em um diálogo de Platão e fôssemos qualquer um, exceto Sócrates, começaríamos a responder essa pergunta listando os vários exemplos da vida cotidiana. Há o amor de si, que pode até virar um narcisismo; há o amor erótico, por Stendhal (1783-1842) chamado de *amour-passion*; há o amor condicionado pela consanguinidade, ou seja, o afeto fundamental entre pais e filhos ou ainda entre irmãos; existe também a amizade, que não é uma ligação sexual ou genética, mas sim uma afeição especial por um próximo conhecido. Não se deve esquecer a caridade, que se propõe a ser uma espécie de solidariedade pelo próximo desconhecido. Fala-se ainda de amor ao poder, à glória, ao dinheiro, à arte, à vida. Esses vários tipos de amor parecem se organizar em uma hierarquia não explícita: do mais sensível para o mais espiritualizado; do mais egocêntrico para o mais desprendido; do mais visceral para o mais civilizado; do mais químico e centrado na pele para o mais neurológico e moral.

O Amor como cura da natureza humana imperfeita – Se Sócrates estivesse presente em nossa conversa provavelmente ele sugeriria que tentássemos buscar o que há de comum nesses exemplos. Poderíamos então arriscar dizer que todos esses casos particulares apontam para uma direção única, a de que o amor envolve um sentimento mais ou menos prazeroso de unidade ou de comunhão. Aqui vale recorrer ao *Banquete* de Platão e especialmente ao discurso de Aristófanes, que propõe uma explicação sobre a origem e a essência do amor. O comediógrafo conta que a forma original do ser humano consistia em uma combinação de dois sexos (com quatro pernas, quatro braços e um corpo comum), mas que, no entanto, foi partida em duas metades estanques, isso porque esses humanos originais ousaram se levantar contra o poder dos deuses⁴. As metades violentamente

³ Emmanuel Levinas: "Philosophie, Justice et Amour", in: *Esprit*, nº80/81 (Aout-Sept 1983), p.16.

⁴ Roland Barthes (1980-1915) no seu livro *Fragments de um Discurso Amoroso* (1977) diz em certo momento que passou uma tarde inteira tentando desenhar, sem sucesso, a figura do andrógono de Aristófanes: "tem aparência arredondada,

cindidas passaram a sofrer muito pela perda da respectiva metade complementar e desejavam intensamente uma re-unificação. Então Zeus inventa Eros, para reconstituir a totalidade originária que se perdeu e assim “curar a natureza humana” (*Banquete*, 191d)⁵. O “tornar-se-um” harmonioso do amor só é possível porque, em uma perspectiva ontológica, não é apenas uma unificação, mas sim uma reunificação, quer dizer a recuperação de uma unidade originária perdida.

O famoso mito dos andrógenos carrega consigo uma lógica através do qual o amor tem sido predominantemente experimentado e pensado durante a história: o desejo pelo outro é a marca de um defeito, de uma falta, que precisa ser corrigida. Entre os amantes surge uma força de atração inexorável, que se fundamenta por sua vez no liame anterior entre os dois. A verdadeira ligação amorosa é reconhecida porque dura para sempre, consegue se manter até mesmo depois da morte. Aristófanés diz claramente no *Banquete* “[...] quando vocês [amantes] morrerem, também no mundo subterrâneo do *Hades* vocês não serão dois, mas um, juntos na morte, como um morto apenas” (*Banquete*, 192e). Amar significa desde essa perspectiva buscar a fusão de dois em um, tornar um meio ser humano em um ser completo.

Minha Cara-Metade Perdida no Iêmen do Norte - Segundo o mito dos hermafroditas o amor nasce das limitações da natureza humana, mas ao mesmo tempo, tende para a superação dessas limitações em uma unidade indestrutível, indissolúvel, imortal. Mas será mesmo que o regozijo do amor está em tornar-se um? Será que crença ontológica na reunificação não carrega consigo uma lógica perversa que coloca o humano como doente e como seu único remédio, a auto-anulação? O ideal romântico da complementação recíproca dos amantes tem influenciado durante 2500 anos

quatro mãos, quatro pernas, quatro orelhas, uma só cabeça, um só pescoço. As metades frente a frente ou dorso a dorso? Ventre a ventre, sem dúvida, pois é lá que Apolo vai costurar, franzindo a pele para fazer um umbigo: os rostos, no entanto se opõem, já que Apolo deverá virá-los para o lado do corte: e os órgãos genitais são atrás. Impossível me figurar o andrógeno, figura dessa “antiga unidade cujo desejo e busca constituem o que chamamos de amor” (Roland Barthes, *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, trad. de Hortensia dos Santos, Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro: 1981, p.193).

⁵ Cito a partir da edição bilingue grego-alemão, intitulada *Symposion*, traduzida por F. Schleiermacher, editada por K. Hülser, In: Platon: *Sämtliche Werke*, Bd. IV, Frankfurt a.M. und Leipzig: 1991.

toda nossa cultura ocidental, dos romances literários às histórias em quadrinhos; do dramalhão mexicano às telenovelas brasileiras; de Romeu e Julieta à Syd (vocalista dos Sex Pistols) e Nancy. Será que todos os sofrimentos associados ao amor na cultura ocidental não estariam associados a essa ideia perniciosa de que só há um verdadeiro amor e que ele vai ser para sempre? E se eu não achar minha alma gêmea? E se ela estiver nesse exato instante procurando por mim em vão no lêmên do Norte, por exemplo? Estaremos condenados ambos a perambular sem rumo e infelizes pelo mundo? A lógica platônica do amor serve muito bem explicar o fim dos relacionamentos, pois se acabou, é porque não era amor. Há uma certa perversão envolvida nesse raciocínio. Esquece-se que uma relação amorosa envolve também tensão e não só tesão. A comunhão do amor promove o encontro de dois seres e não a fusão de dois em um. Ora se ambos amantes forem dois seres completos e não duas metades a procura de seu complemento, então a grande excitação do amor não estaria justamente na oportunidade de existir na ambiguidade? De experimentar e celebrar a alteridade?

De frente para o Espelho - Eu quero convidar Hegel para esse diálogo sobre o amor. Por quê? Porque depois do *Banquete* de Platão é justamente Hegel quem vai desenvolver a mais ambiciosa tentativa de reabilitar racionalmente a noção de amor da história da filosofia até então. Vamos falar, portanto, da "dialética do amor". A noção de amor tem um papel central na filosofia de Hegel, especialmente nos seus textos de juventude⁶. Para Hegel o amor é o impulso afetivo inerente ao vivente em direção a unificação com o outro. O amor é uma espécie de "boa pulsão, uma vez que é impaciente e inquieto diante das cisões, das separações, das divisões. É nesse poder de unificar os separados e os opostos que consiste a virtude do amor para Hegel, é nisso que está seu caráter racional ou infinito. Mas o amor também tem seu inconveniente. Por ser um sentimento, o amor apresenta-se como algo finito, quer dizer, é algo passageiro, acidental e arbitrário. A dialética hegeliana tem como desafio lidar com essa ambiguidade do amor. O amor pode ser a solução para todos os problemas (éticos, políticos, científicos), mas pode ser também a raiz de todos os

⁶ Costuma-se demarcar genericamente a obra de Hegel em três fases: os escritos de juventude (1790-1804); a época de elaboração da *Fenomenologia do Espírito* (1805-1807), marco divisor de seu pensamento e, finalmente, o período de consolidação do sistema com a *Ciência da Lógica* e a *Enciclopédia* (1808-1831).

problemas. Como escapar desse dilema?

Em 1794, em um dos assim chamados *Fragmentos sobre Religião Popular e Cristianismo*, o então ainda jovem Hegel enaltece o amor como sendo "algo análogo à razão, na medida em que o amor se encontra a si mesmo nas outras pessoas, ou melhor, se esquecendo de si mesmo se coloca para fora de si, simultaneamente sentindo, vivendo e sendo ativo no outro" (W1, p.30)⁷. A analogia consiste em que tanto no amor como na razão, o outro passa a ser reconhecido como o meu outro. Tanto o amor como a razão têm o poder de estabelecer comunhão, comunidade e comunicação entre os seres humanos. O amor é nesse sentido o melhor dos sentimentos, pode ser um sentimento, mas é bom. Essa comparação é importante, pois ao invés de tratar o amor apenas como o outro da razão, ou seja, como uma sensação aleatória muito mais próxima da natureza do que da cultura, Hegel o identifica como uma outra forma da racionalidade, como uma "razão alterada". Em que consiste essa suposta racionalidade do amor? O verdadeiro amor se realiza segundo Hegel no bem pelo outro. Trata-se de uma unidade, mas não de uma aniquilação do outro. A unidade instaurada no amor tem que supostamente inviabilizar qualquer hierarquia entre os polos envolvidos. O amor aniquila o poder, mas não o outro: "Somente no amor somos um com o objeto, sem que ele domine ou seja dominado", diz o ainda muito jovem Hegel em uma importante anotação do verão de 1797 (W.1, p.242). E ainda, contra todo e qualquer tom panteísta (de unificação com o cosmos, com deus ou a natureza), ele observa que o verdadeiro amor só acontece entre semelhantes: "de frente para o espelho, em frente ao eco da nossa essência" (*ibid*, p.243)

É possível amar um hegeliano? – A filósofa e feminista alemã Barbara Kuon, atualmente professora no Instituto de Filosofia da Mídia da Universidade de Karlsruhe, publicou em 1997 um artigo com um polêmico título *Posso amar um hegeliano?*. A ideia era trazer para o campo da existência a discussão sobre algumas das principais propostas da filosofia hegeliana para o campo da sociedade, da política

⁷ Eu cito a partir do primeiro volume (W1) das obras completas de Hegel editadas pela Suhrkamp, onde os escritos da juventude se encontram compilados: G.W.F. Hegel: *Werke in zwanzig Bänden*, ed. Por E. Moldenhauer e K.M. Michael, Frankfurt a. M.:1993. Uma tradução em espanhol, feita Jose Ripalda, intitulada *Escrestá* disponível pelo Fondo de Cultura Economica, Madrid: 1978. Todas as citações de Hegel no presente artigo são dessa edição.

e das artes. Sua conclusão é a de que é possível se apaixonar por um filósofo, desde que não seja um hegeliano em estrito senso, que ainda acredite na submissão ao casamento e ao Estado⁸. Mas como ama um hegeliano? Vimos que no amor hegeliano deve haver uma fusão sem dominação, quase como se houvesse um equilíbrio entre si mesmo e o outro. O problema parece que embora a dialética do amor postule ontologicamente um equilíbrio entre os polos contrários, a performance ôntica acaba sempre por ser muito pouco dialética. Isso fica nítido, por exemplo, quando Hegel pensa a relação homem-mulher institucionalmente muito mais sob o signo da desigualdade e da dominação unilateral, do que do equilíbrio recíproco. Em uma citação dos *Princípios da Filosofia do Direito* (1820) de um Hegel já não tão jovem lê-se: "o homem não deve valer mais que a mulher" (W7, §167, p.321). Mas em outras passagens ele deixa claramente a entender que as mulheres são incapazes para filosofia, a ciência ou a política: "Se as mulheres estão no governo, então o Estado está em perigo, pois elas não agem segundo as exigências do universal, mas sim segundo os impulsos e opiniões acidentais" (*ibid*, p.320).

Assim fica claro porque textos importantes da primeira onda da literatura feminista tenham títulos tais como *Vamos cuspir em Hegel* (1970), da escritora e crítica de arte italiana Carla Lonzi (1931-1982)⁹. O cuspe feminista é contra uma certa tradição falocêntrica do pensamento que teima em identificar o gênero feminino como marca da passividade e da submissão. Hegel também faz parte dessa tradição. A diferença sexual reproduz a hierarquia entre razão e sensibilidade, não é à toa que em uma famosa passagem da seção sobre „Filosofia da Natureza“, da *Enciclopédia* (1817), Hegel afirma que: "o testículo masculino é o cérebro ativo, o clitóris é o sentimento inativo por excelência" (W8, §369, p.519). Assim como o feminino está supostamente mais para a natureza do que para a cultura, a concepção de amor de Hegel também não suspende essa hierarquia, ao contrário, até a promove de maneira ainda mais refinada. O amor não significa o mesmo para os homens ou para as mulheres. Uma vez que a mulher está longe do universal, então a entrega e o sacrifício no amor é o

8 Barbara Kuon: "Kann ich einen Hegelianer lieben?", in: *Der Geist ist ein Knochen*, org. pelo Kulturamt – Stadtarchiv Stuttgart, Körperschaft: 1997, pp. 64-91.

9 Uma versão digital em espanhol, editada pela fem-e-livros, pode ser consultada no seguinte link: <http://www.nodo50.org/herstory/textos/Escupamos%20sobre%20Hegel.pdf>.

máximo de espiritualidade que ela pode alcançar em sua vida: o amor pelo homem ou pelas crianças é a “determinação substancial” [*substantielle Bestimmung*] ou a “destinação ética” [*sittliche Gesinnung*] das mulheres, ao passo que para o homem, em contraste, o amor é um retorno concedido à natureza, uma espécie de descanso na “luta e trabalho com o mundo exterior” [*Kampf und Arbeit mit der Aussenwelt*] (*Filosofia do Direito*, W7, p. 318). Tudo indica que que o ser-um dos amantes na dialética não é sentido de forma comum para ambas as partes, o amor hegeliano reproduz e fortalece a suposta inferioridade do feminino. Quem ama um hegeliano esperando escapar à violência da exclusão do diferente acaba se enterrando vivo em uma unidade, certamente inclusiva, mas não menos violenta e hierárquica.

Fim do Amor: A dialética do amor em Hegel diz que o amor é ele mesmo dialético na medida em que é uma oportunidade que cada um tem em se reconhecer no outro. O problema é que esse reconhecimento é ainda apenas um pressentimento, não é ainda um princípio ético racional. Na juventude Hegel ainda elogia os aspectos sensuais e sensíveis da relação amorosa, tal como no famoso *Liebesfragment* (1797-1798): “o mais próprio se unifica no toque, no apalpar, até chegar à inconsciência, a superação da diferença” (W1, p. 248)¹⁰. Já o Hegel da maturidade vai aos poucos substituindo a sensualidade do amor pela eticidade da lei. Hegel espera que o homem supere sua finitude através do amor. Entretanto o filósofo constata aos poucos um certo fracasso: através do amor o homem é sempre reconduzido à finitude. Ele passa a interpretar esse fracasso como um indicio da inferioridade/imperfeição do amor e vai buscar na razão um substituto mais eficiente. Essa transformação na interpretação do amor é uma das características principais da passagem do jovem Hegel para o Hegel da maturidade: se por um lado o amor traz uma unificação com outro, por outro lado essa é unificação é imperfeita, porque é apenas sentida, intuída, inconsciente. Sem sua consciência é como se a unidade não existisse. Se o amor completa o homem, é preciso ainda que a razão venha completar o amor, espiritualizá-lo, na terminologia hegeliana, torná-lo pensamento, saber, conhecimento. Só a unidade da razão permanece eternamente, a unidade do amor é uma

¹⁰ Uma excelente tradução desse fragmento em suas diferentes versões foi realizada por Joãozinho Beckenkamp (UFPel) e está disponível no seguinte link: <http://www.hegelbrasil.org/reh8/joaosinho.pdf>.

ligação muito tênue, contingente e frágil para garantir a unidade entre as pessoas, pois está ainda muito condicionada pelos humores do desejo, pelas idiossincrasias de cada indivíduo, enfim pelos acidentes e incidentes do cotidiano. Será preciso, portanto, recorrer a leis que protejam a unidade da sua dissolução. O amor e sua imponderabilidade estrutural finda com o advento dos contratos, seja para formar um casal ou para formar uma comunidade com suas respectivas constituições.

Amar o outro e amar outramente - Há uma ambivalência no amor na dialética hegeliana: de um lado o amor tende ao universal, de outro faz com que o indivíduo seja constantemente reconduzido a sua singularidade. Hegel não é capaz de lidar com esse caráter paradoxal e opta por desenvolver estratégias mais apuradas de unificação entre os indivíduos, exigindo um reconhecimento racional e não intuitivo da alteridade. O amor continua sendo uma forma de sabedoria do outro no sistema hegeliano, mas a forma mais pobre, abstrata e imperfeita. Mas talvez a incapacidade do amor de cumprir a expectativa de instaura a unidade perfeita e duradoura ateste muito mais as impotências e limitações do pensamento hegeliano, do que do amor propriamente dito. Se o amor for entre seres finitos então é inexorável uma certa instabilidade no encontro amoroso. Ao contrário do que Hegel acredita, nenhuma lei é capaz de garantir ser-comum dos amantes. Por causa da sua radical imponderabilidade o amor não serve como fundamento das instituições. O amor talvez seja mesmo inadequado para realizar o universal, mas essa inadequação demonstra que talvez o universal seja apenas um ideal sonhado de perenidade, que talvez não corresponda ao modo temporal em que o ser humano existe.

As dificuldades da dialética do amor são uma herança de um princípio do platonismo, a saber, a de que a essência humana só será curada através de uma religação entre o eu e o outro. Tudo indica que a reunificação nunca vai acontecer, simplesmente porque a ligação originária nunca aconteceu, em momento algum. Não existe uma unidade arcaica perdida dos seres humanos da qual a atração erótica teria surgido. A busca de unificação pode até ser uma obsessão típica da razão, o amor, ao contrário, parece ser muito mais uma experiência de pluralização da existência. O que acontece no amor não é nunca amalgamação, mas contato ou comunicação entre seres mortais. Talvez essa comunicação só seja possível porque trazemos em nós mesmos os traços da alteridade, somos

sempre outros de nós mesmos, somos corpos que veem e são vistos, somos entes que sentem e podem ser sentidos.

Existe, ao meu ver, um aspecto positivo na dialética do amor, na medida em que ele mostra, contra os dualismos tradicionais, que o amor também participa do *logos*. Vimos que o preço dessa atitude é que Hegel acaba por submeter o amor a um trabalho forçado, tem que servir ao universal. A razão parece só aceitar o amor se ele for útil, especialmente para a fundação de comunidade e a manutenção do gênero humano. O diálogo com Platão e Hegel pode nos instigar a tentar pensar o amor de outras maneiras. A sabedoria do amor talvez consista no fato de ele expor como somos: tempo, corpo, singulares e ao mesmo tempo plurais. O verdadeiro amor à sabedoria - a filosofia - talvez consista na coragem de admitir que o amor é uma mistura de prazer e astúcia, de egoísmo e generosidade, de carinho e de descontrole, sem que possa ser decidido "para quê" ele existe. Ao invés de tentar racionalizar o amor, talvez seja hora de mostrar que o *logos* é condicionado estruturalmente pelo amor, ou seja, de começar a imaginar formas de praticar uma razão enamorada, apaixonada e pluralista.

Vila Isabel, Rio de Janeiro, janeiro de 2016.